

3. As tramas do espaço

*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...*

Caeiro, 1952, p. 30

3. 1. A região da Serra d'Ossa: integração geográfica e caracterização da paisagem

Num enquadramento prévio da região da serra d'Ossa, no contexto do Alentejo Central (marco geográfico que coincide, “grosso modo”, com o território do distrito de Évora e a parte sul do distrito de Portalegre) utilizei principalmente a informação proporcionada pelos mapas actualmente disponíveis, na escala de 1:1 000 000, que integram o Atlas do Ambiente (Comissão Nacional do Ambiente), assim como pelas respectivas Notícias Explicativas, a par de outros trabalhos de carácter geográfico, assentes igualmente em cartografia de pequena escala (Daveau, 1977, p. 92, 96, 1985, p. 29, 30; Ferreira, 1981, p. 18, 20, etc.); a imagem resultante, sem dúvida demasiado genérica, beneficiou ainda, em alguns aspectos, do conhecimento (e do reconhecimento) directo do território.

Em termos geomorfológicos globais, a região integra-se, quase na totalidade, no Maciço Antigo e, dentro deste, na zona de Ossa-Morena. É atravessada pela chamada falha da Messejana, ou do Alentejo, a grande fractura geológica que percorre no sentido SW-NE, todo o Alentejo, prolongando-se, a partir de Campo Maior, por terras de Espanha (onde é conhecida como falha de Plasencia).

No Alentejo Central, o relevo apresenta-se frequentemente muito movimentado (declives entre os 8% e os 35%) nas manchas de rochas metamórficas do complexo xisto-grauváquico, que predomina na região da serra d'Ossa; neste contexto, os recursos aquíferos subterrâneos são muito limitados (com produtividades inferiores a 50 m³-dia/km²) e os solos com fraco potencial de uso agrícola (classes D e E).

Nas áreas de quartzodioritos, o relevo é genericamente muito mais moderado (declives geralmente inferiores a 4%) e, embora o aquífero subterrâneo seja igualmente pouco significativo (produtividades inferiores a 50 m³-dia/km²), os solos são, por regra, mais aptos para a actividade agrícola (dominam as classes B e C); este tipo de paisagem, representado descontinuamente por algumas manchas, nas partes meridional e ocidental da nossa área de estudo, prolonga-se pela região de Montemor-Évora-Reguengos, onde aliás é dominante.

Ainda no âmbito das rochas magmáticas, os granitos aparecem bem representados no Alentejo Central, estendendo-se, numa linha quase contínua, de S. Geraldo (Montemor-o-Novo) por Santana do Campo (Arraiolos) até Pavia (Mora) e, de novo, nas manchas de Avis, Fronteira e Monforte-Elvas, com uma importante continuidade no Nordeste alentejano (Portalegre, Marvão, Castelo de Vide e Nisa). Em comparação com o grupo anterior, as áreas graníticas aparecem-nos particularmente desfavorecidas em termos de capacidade de uso dos solos (dominam as classes D e E — uso não agrícola), característica que podemos relacionar com os declives mais acentuados e com a pedregosidade dos terrenos.

As rochas carbonatadas definem áreas de relevo por vezes vigoroso (nos rebordos do Maciço Calcário de Estremoz, por exemplo, os declives atingem os 35%), com assinaláveis recursos aquíferos subterrâneos (produtividades entre os 250 e os 300 m³-dia/km² e com boas manchas de terras agrícolas, potenciadas pela abundância de água e pela presença de solos argilosos relacionados com a alteração dos calcários (*terra rossa*). Note-se, porém, a ocorrência significativa de extensas áreas com solos muito pedregosos, sem qualquer viabilidade para uso agrícola, nomeadamente nas zonas centrais do Maciço Calcário de Estremoz.

A mancha de terrenos detríticos, correspondente à bacia terciária do Tejo-Sado, que abrange boa parte dos concelhos de Montemor-o-Novo e Mora, na extremidade Noroeste do distrito de Évora, aparece também representada na presente área de estudo, embora de uma forma marginal. Trata-se de áreas de relevo pouco acidentado, com fortes limitações em termos de capacidade de uso dos solos, no caso das formações oligocénicas, e em que a rede hidrográfica, densamente hierarquizada, abriu vales de fundo aplanado, preenchidos com aluviões, geralmente aptos para agricultura de regadio; os interflúvios são actualmente terrenos de montado, em que é notório, com raras excepções, o escasso potencial agrícola (classes D, E e, apenas pontualmente, C).

Apesar da importante produtividade actual dos recursos aquíferos subterrâneos que no troço inferior das bacias atinge valores superiores a 400 m³ (dia/km²), a elevada profundidade a que se encontra uma boa parte dos lençóis freáticos deve ser tomada em consideração, no contexto das épocas que nos interessam. São ainda de assinalar, particularmente pela importância que assumem na região da serra d'Ossa, as manchas detríticas paleogénicas, algumas das quais intimamente relacionadas com a falha da Messejana. Estas áreas, aparecem como oásis de solos agricultáveis (classes B e C), considerando sobretudo o “deserto” de terrenos xistosos em que algumas se inserem.

Em termos hidrográficos, o Alentejo Central partilha as três principais bacias do Sul do País, que convergem num ponto localizado algures entre Évora e Arraiolos; na região da serra d'Ossa, porém, aparecem representadas apenas as bacias do Guadiana e do Tejo.

O Guadiana, cujo leito se encaixa profundamente nos xistos (pontualmente também nos quartzodioritos) é, na verdade, o grande acidente hidrográfico do Alentejo Central, uma vez que o contacto com as outras bacias é feito apenas através dos troços superiores de alguns dos respectivos afluentes.

Climaticamente, verifica-se nesta região uma diminuição progressiva da pluviosidade a par de um aumento da insolação (com valores médios anuais que atingem as 3000-3100 horas), da radiação solar (que atinge as 165 kcal/m²) e das amplitudes térmicas, à medida que, a partir do Oeste, nos aproximamos do Guadiana. Estas elevadas amplitudes térmicas assentam sobretudo, nesta região, na ocorrência de estios “muitíssimo quentes” (mais de 33° C, 137 dias, ou mais, com máximo superior a 25° C) (Daveau, 1985, p. 47, 52).

Orlando Ribeiro observa que “no vale do Guadiana, que é durante o Estio uma fornalha que nenhum vento refresca, as plantas crestam-se com o ar ardente e seco” (Ribeiro, 1987b, p. 107); no mesmo sentido, Teresa Gamito (1988, p. 22) defende, para esta região, que “as áreas de fronteira entre Espanha e Portugal foram sempre áreas pobres e difíceis”.

De entre as causas que permitem explicar esta conjuntura destaca-se o próprio maciço da serra d'Ossa, que intercepta os ventos húmidos do Noroeste e desencadeia localmente chuvas “orográficas”, sendo, por isso, responsável por uma diminuição da pluviosidade na parte Leste da região; a bacia do Guadiana, por outro lado, é “caminho fácil das influências climáticas continentais”, oriundas dos planaltos da Meseta Sul (Daveau, 1985, p. 29).

Note-se, em todo o caso, que convém manter algumas reservas sobre a extrapolação dos dados climáticos actuais para épocas sobre as quais não existem ainda reconstituições paleo-ambientais suficientes, como é o caso da região que nos ocupa. Porém, a estabilidade dos principais factores climáticos referidos (topografia, continentalidade e direcção dos ventos dominantes) permite admitir que, mesmo com valores absolutos distintos, as relações fundamentais se tenham conservado basicamente idênticas.

Em termos ecológicos, as áreas de cotas superiores (Maciços de Elvas, Estremoz, Serra d'Ossa e Monfurado), apresentam características fitoclimáticas submediterrâneas, com a

presença do zambujeiro (*olea europaea, sylvestris*), do pinheiro bravo (*pinus pinaster, atlantica*), do pinheiro manso (*pinus pinea*), do carvalho lusitano (*quercus faginea*) e do sobreiro (*quercus suber*).

Nas áreas com cotas mais baixas (com um limite em torno dos 350 m), distingue-se uma zona de tipo ibero-mediterrâneo que coincide com a bacia do Guadiana e uma zona de transição que reúne características ibero-mediterrâneas e submediterrâneas e corresponde aos troços superiores das bacias do Tejo e do Sado.

Na bacia do Guadiana, as espécies autófitas dominantes são o zambujeiro e o sobreiro, enquanto na zona de transição, a par da ausência do carvalho lusitano e dos pinheiros, encontramos as mesmas espécies que nas anteriores e ainda o zimbro vermelho (*juniperus oxycedrus*).

Quanto aos recursos mineiros, de que apenas interessam, no âmbito deste trabalho, as mineralizações cupríferas, o Alentejo Central não parece constituir uma região particularmente rica. Destacam-se, no entanto, algumas ocorrências na serra de Monfurado, na serra de Portel e, em especial, na região da serra d'Ossa (Carta Mineira de Portugal, 1960; Domergue, 1987, p. 518; Ferreira, 1970b, p. 99; Ferreira e Viana, 1956, p. 528; Gonçalves, 1974, 1988; Perdigão, 1971, 1974; Allan, 1965; Castro, 1985, p. 82-84).

Outra das matérias-primas cuja presença é altamente pertinente, o anfíbolito, encontra-se bem representado sobretudo a sul da serra d'Ossa, na bacia do Degebe.

3. 2. A região da serra d'Ossa: Unidades Fisiográficas

Com base no cruzamento dos dados referentes à topografia e à hidrografia da região, foi possível isolar oito Unidades Fisiográficas distintas; estas divisões, que coincidem, com ligeiras adaptações, com as sub-regiões propostas no Atlas do Ambiente (Regiões Naturais), são todas elas, como seria de esperar, mais ou menos subdivisíveis, conforme os aspectos considerados, em parcelas de menores dimensões.

3. 2. 1. Serra d'Ossa

Noutra perspectiva, se privilegiarmos os aspectos inerentes à geografia humana, podemos subdividir esta área em duas sub-unidades definidas a norte e a sul da linha de cumes, por onde, como já foi referido, passa também o fecho principal que separa as bacias do Tejo e do Guadiana e por onde se centrou axialmente a área de estudo.

Com efeito, Orlando Ribeiro defende que, nas montanhas, as fronteiras seriam “tradicionalmente pela cumeada” uma vez que “as relações de cada vertente se estabelecem com a terra baixa onde vem dar” (Ribeiro, 1987, p. 65).

O papel da serra d'Ossa enquanto fronteira natural, separando ambos os lados da região que defini, é minimizado pela existência de várias portelas que facilitam a travessia e permitem o contacto entre os vales a sul e a norte da serra; as mais importantes são a que passa entre o v. g. Castelo e o v. g. S. Gens, localmente conhecida como o “Meio Mundo”, a que passa entre o v. g. S. Gens e o v. g. Pia do Lobo, aproveitada actualmente pela estrada Redondo-Estremoz, a que passa pelo Monte das Cortes e, finalmente, a que passa por Evoramonte, actualmente aproveitada pela estrada Évora-Estremoz (Estampa 105).

O potencial agrícola desta área é praticamente nulo; exceptuam-se alguns vales bastante encaixados, especialmente o vale do Canal, a que Mariano Feio chamou “o fosso da Portucel” (Feio, 1983, p. 13, est. III); trata-se de um vale de fundo plano, de origem tectónica, onde a sedimentação produziu solos de matriz argilosa, relativamente férteis.

Nas formações xistosas, os recursos hídricos são, em geral, escassos; no entanto, no que diz respeito à serra d'Ossa, “a existência de recursos hídricos subterrâneos com alguma importância, resulta da textura e do grau de fracturação destas formações”. Nas abas da serra, existiam, de facto, muitas fontes, algumas com caudais apreciáveis, antes de se terem feito sentir os efeitos nefastos da plantação de eucaliptos que recobriu a maior parte da serra, a partir dos anos sessenta. A título de exemplo, saliente-se que, “o caudal total produzido pelo conjunto das cerca de vinte nascentes” que abasteciam, em 1957, a vila do Redondo “era de 86 m³/dia” (Gonçalves, 1988, p. 57).

O sistema de falhas e desligamentos que recorta e delimita o relevo da serra d'Ossa traduz-se topograficamente na existência de vertentes muito acentuadas, com declives que atingem os 40%, o que em termos de defensabilidade natural representa um dado muito interessante a reter.

No sopé setentrional, junto à margem esquerda da ribeira de Tera, conhecem-se importantes filões de cobre, actualmente abandonados, nas Minas da Mostardeira, cuja explora-

ção “já em épocas antigas” é referida pelo casal Leisner, autores que insinuam uma certa relação com as antas da serra d’Ossa que, noutro passo, consideram tardias no contexto do megalitismo funerário (Leisner e Leisner, 1955, p. 3, 19, 29)

3. 2. 2. *Bacia do Degebe*

Esta área corresponde, geologicamente, a uma extremidade do Maciço Cristalino de Évora, com o qual mantém grandes afinidades em termos paisagísticos, tal como, aliás, a Bacia do Divor. Com cerca de 348 km², apresenta algumas manchas de rochas granitóides (granodioritos e quartzodioritos, entre outras) “alongadas e concordantes com as estruturas regionais” (Carvalhosa, Gonçalves e Oliveira, 1987, p. 33) com afloramentos de formas arredondadas pela disjunção esferoidal, sem grande destaque na paisagem, encaixadas num substrato de rochas metamórficas nomeadamente os paragnaisses, micaxistos e meta-grauvaques.

Ao longo desta área afloram ainda algumas faixas de anfíbolitos, em parte intercalados nos micaxistos da formação de Ossa e também, de uma forma muito significativa, associados aos xistos da formação de Moura. (Carvalhosa, Gonçalves e Oliveira, 1987, p. 16, 22).

Quanto ao relevo, as rochas intrusivas afloram em superfícies planas, muito regularizadas, resultantes de uma meteorização homogénea dos seus componentes, enquanto nas rochas metamórficas, mais resistentes e impermeáveis, a erosão provocada pela rede hidrográfica produz “um relevo em montículos irregulares” (Carvalhosa, Gonçalves e Oliveira, 1987, p. 9).

Nas áreas de quartzodioritos, mais ainda que nos granitos, “os solos podem, por vezes, ser muito ricos” e poderiam mesmo ter sido estes “os primeiros solos trabalhados e preferidos pelas comunidades neolíticas” (Gamito, 1988, p. 21). Trata-se, com efeito, de solos de matriz mais ou menos arenosa, fáceis de mobilizar, em áreas de relevo muito arrasado e com pouco ou nenhum encaixe da rede hidrográfica.

Esta fisionomia confere à paisagem uma boa transitabilidade natural, reforçada pela ligação ao fecho principal Tejo-Guadiana, por uma linha que passa um pouco a Sul da Igreja e vai mais ou menos até Evoramonte.

A bacia do Degebe, no troço que se insere na presente área de estudo, individualiza-se também pelo facto de ser recortada, a Norte, pelo maciço da serra d’Ossa; esta barreira actual, até certo ponto, como protecção natural contra os ventos dominantes, criando assim condições microclimáticas favoráveis.

3. 2. 3. *Bacia do Lucefece*

A bacia do Lucefece apresenta-se como uma faixa alongada, com mais ou menos 320 km², estabelecendo a ligação entre a serra d’Ossa propriamente dita e o Guadiana.

Em termos geológicos, distinguem-se diversas formações de xistos Silúricos, Ordovícicos e Devónicos, sobre as quais assentam pequenas manchas de depósitos paleogénicos, nomeadamente nas proximidades de Terena e do Rosário (Carvalhosa, Gonçalves e Oliveira, 1987).

Os depósitos terciários de Terena e do Rosário, tal como os de Juromenha, preenchem depressões geomorfologicamente relacionadas com a falha da Messejana, ao longo da qual aflora, em toda a sua extensão, o “grande filão do Alentejo”, constituído por doleritos (Gonçalves, 1988, p. 43; Teixeira, Canilho e Lopes, 1969-1970, p. 351-356).

Predominam os solos litólicos, magros, típicos dos terrenos xistosos, embora com algumas exceções que coincidem com os referidos depósitos terciários e, no curso alto do Lucefece, com o substrato de xistos brandos do Devónico. Estas áreas, de melhor potencial agrícola, apresentam relevos de ondulado suave, com vales largos, em contraste com o encaixe profundo da rede hidrográfica, nos restantes troços.

A ribeira de Lucefece destaca-se, no contexto hidrogeológico regional, devido ao facto de apresentar caudal permanente (Carvalhosa, Gonçalves e Oliveira, 1987, p. 51); este regime relaciona-se, principalmente, com os recursos aquíferos subterrâneos do Maciço Calcário, onde o Lucefece tem as principais nascentes.

A bacia do Lucefece pode subdividir-se em três áreas diferenciadas entre si, com base na morfologia do próprio curso de água. A primeira delas acompanha o primeiro tramo da ribeira e é subdivisível ainda em duas partes: numa, entre as nascentes e o sopé da serra d'Ossa, o leito apresenta um desnível muito acentuado e pontualmente encaixado; esta inclinação favoreceu a implantação de um sistema de levadas que permite alimentar uma horticultura intensiva, cujas raízes no tempo resta avaliar; a outra corresponde ao fundo do vale entre a serra e o Maciço Calcário, um sinclinal de xistos brandos, de idade Devónica, que se prolonga ainda alguns quilómetros para Sul.

O segundo tramo, bem individualizado no que respeita ao curso da ribeira, define-se entre os últimos cabeços da serra d'Ossa e a falha da Messejana, próximo de Terena. O Lucefece atravessa aqui uma área de xistos siliciosos, apresentando um curso extremamente tortuoso e encaixado, numa paisagem muito árida de terrenos dobrados, actualmente incultos e dominados pelos estevais, ou desertificados pelas plantações de eucaliptos.

Por último, o Lucefece drena uma área de relevo mais moderado, esporadicamente recoberta por depósitos terciários, nomeadamente argilas, cascalheiras e calcários concrecionados (Perdigão, 1976, p. 8). Neste tramo, destacam-se algumas ocorrências de minério de cobre (entre outros) de que a mais conhecida é a da mina do Outeiro, junto ao Rosário (Castro, 1985, p. 82). Junto à foz do Lucefece, é de referir a existência de cascalheiras em terraços quaternários, em que predominam os seixos quartzíticos.

3. 2. 4. *Bacia da Asseca*

Trata-se de uma Unidade Fisiográfica muito semelhante à anterior em que englobei, para além da bacia hidrográfica da Ribeira da Asseca, as bacias de outros três afluentes da margem direita do Guadiana (as ribeiras de Mures, Pardais e Províncios), e que ocupa uma área de cerca de 276 km². A ribeira da Asseca, cujas cabeceiras principais se localizam no Maciço Calcário, beneficia, tal como o Lucefece, de um regime hídrico perene.

O potencial agrícola desta área é particularmente reduzido ao longo da maior parte do curso da ribeira da Asseca. De facto, as únicas manchas de solos aptos para a agricultura ocorrem, mais uma vez, junto da falha da Messejana, com especial destaque para a área definida entre os troços terminais dos cursos das ribeiras da Asseca e de Pardais e principalmente para a mancha de Juromenha, nas proximidades do Guadiana. Geologicamente, estas manchas são constituídas por depósitos do Paleogénico indiferenciado (Perdigão, 1976, p. 7, 8), com cascalheiras, saibros e areias argilosas e calcários, por vezes concrecionados.

Trata-se, como já referi, de depressões, relacionadas com a falha geológica e preenchidas por materiais detríticos, que apresentam um relevo muito suave; a mancha de Juromenha é enquadrada, a Norte e Noroeste, por uma linha de cabeços em que afloram rochas

hiperalcalinas (granitos e sienitos) e rochas verdes. São de referir ainda os terraços quaternários relativamente extensos, junto ao Guadiana, que encerram, pelo lado oriental, esta Unidade Fisiográfica.

Os solos são, na sua maioria, aptos para a agricultura, e os recursos aquíferos subterâneos pouco significativos. Não se conhecem também, nesta área, quaisquer recursos mineiros, presentes, em todo o caso, apenas alguns quilómetros a sul.

A depressão de Juromenha é, na minha perspectiva, relativamente marginal em relação à serra d'Ossa, devido às dificuldades de acesso e de contacto visual impostas pela topografia. Se se excluir a via fluvial que o Guadiana representa, a transitabilidade natural parece facilitada, principalmente ao longo do contacto entre as formações xistosas câmbrias e silúricas, que se desenvolve para NW e coincide mais ou menos com a estrada actual Juromenha-S. Romão-Terrugem. A paisagem, extremamente dobrada, dos xistos silúricos (os declives atingem, nalguns troços, valores da ordem dos 35%) da bacia da Asseca e o notável encaixe da rede hidrográfica parecem, neste caso, desempenhar o papel de fronteira natural.

Cito, mais uma vez, Orlando Ribeiro que escreveu, a propósito, que os terrenos de xisto: “dão sempre, nos nossos climas, uma imagem de pobreza e abandono. Impermeáveis, cobertos por uma rede hidrográfica densa que disseca as superfícies num mar infinito de cabeços, as delgadas faixas de melhor solo apenas se encontram no fundo dos barrancos” (Ribeiro, 1987a, p. 86). Actualmente, estes terrenos estão quase exclusivamente ocupados por matagais de esteva (*cistus ladanifer*) e as únicas actividades económicas que suportam são a criação de gado, sobretudo caprino, e a caça.

A indigência dos solos desta área tem como contrapartida, como já referi, uma importante concentração de minerais cupríferos, que ocorrem em faixas de liditos e de que se destacam os filões da Mina do Bugalho, onde não faltam sequer os testemunhos de exploração pré-histórica (Castro, 1985, p. 82; Domergue, 1987, II, p. 518), ou os dos Mocissos (Perdigão, 1976, p. 14), entre outros (Calado, 1993c, fig. 64-66).

3. 2. 5. Maciço Calcário

O Maciço Calcário de Estremoz, separado da serra d'Ossa “por formas tectónicas que são comuns aos dois relevos” (Feio, 1983, p. 5), com perto de 236 km², apresenta vertentes geralmente pouco declivosas e altitudes máximas rondando os 520 m.

Trata-se de uma Unidade Fisiográfica com características muito particulares, no contexto regional; a parte central do Maciço, com cotas mais elevadas, é composta principalmente por calcários dolomitizados, sem qualquer aproveitamento económico de relevo. Os mármore, cuja exploração industrial é actualmente muito intensa, concentram-se nas cotas mais baixas do Maciço, junto aos patamares que o delimitam e nalguns vales do interior, áreas onde pouco resta, hoje em dia, da paisagem original. A par dos mármore e dolomitos, registam-se também, sobretudo junto aos limites do Maciço, algumas zonas de metavulcanitos (Gonçalves, 1974, p. 9), assim como estreitas faixas de liditos que se prolongam, para Sudeste, até ao Guadiana, e com as quais se relacionam as mineralizações metálicas já referidas. Ocorrem ainda diversos e numerosos tipos de filões, nomeadamente pórfiros graníticos, microgabros, etc.

Em termos pedológicos, as rochas carbonatadas, maioritárias no Maciço Calcário de Estremoz, deram origem a solos com uma importante componente argilosa de “terra rossa”; são solos mediterrâneos vermelhos de calcários cristalinos, classificados, em termos de capa-

cidade de uso agrícola, dentro das classes B e C, no caso dos solos de fase agropédica; estes, são sobretudo significativos nos patamares mais ou menos largos que delimitam esta Unidade Fisiográfica e nas portelas que a atravessam.

Pelo contrário, na parte central do Maciço os solos são inaptos para a agricultura, devido à ineficácia da retenção da humidade no solo, facto que deriva da grande permeabilidade das rochas carbonatadas através de um complexo sistema de aberturas cársicas (Gonçalves, 1988, p. 54); além disso, aquela área é, na maior parte, extremamente pedregosa, o que inviabiliza ainda mais o seu aproveitamento para fins agrícolas. Actualmente são terrenos extensamente aproveitadas pela olivicultura; em alguns pontos, onde os calcários afloram, conservam-se manchas de vegetação espontânea, de tipo “maquis” mediterrânico, em que pontuam o medronheiro, a murta, o pistacho, o orégão, o tomilho e o zambujeiro.

Da permeabilidade deste substrato rochoso resulta, por outro lado, a acumulação de abundantes recursos aquíferos subterrâneos, “dando origem, no contacto com os xistos silúricos (logo abaixo do patamar) que o circundam, a um certo número de exurgências, das quais se encontram registadas cerca de noventa. As mais importantes do flanco SW do anticlinório são: no Ameixial (à cota 300 m); Estremoz, Bencatel e Alandroal (à cota 350 m); no flanco NE, Vila Viçosa e Borba (às cotas de 400 a 415 m)” (Gonçalves, 1974, p. 52).

O Padre Joaquim Espanca, investigador local que esquadrinhou atentamente estes montes e vales, referiu-se-lhe nos seguintes termos: “Na serra [o Maciço Calcário], que (...) corre de noroeste a sueste, longa planura, e até bacia dilatada, se estende lá no cimo. A terra siliciosa, salgada ou chumbeira (como lhe chama o vulgo) bebe a longos tragos as chuvas, que a mão de Deus ali entorna, e descendo às cavernas interiores daquela cadeia de pequenos e vulcânicos montes, vão formar as fontes do Criador, que são as mais fartas e admiráveis. Para o Poente bastantes bicas dimanam desse imenso reservatório, ou depósito natural (...)” (Espanca, 1983, p. 37).

Por outro lado é notável a elevada transitabilidade do Maciço Calcário, cujos patamares constituem excelentes vias naturais de trânsito, aproveitadas aliás pelas estradas actuais que assinalam também as portelas mais importantes. Para além destes eixos regionais, o patamar é atravessado pelo festo principal Tejo-Guadiana, caminho natural que estabelece a ligação com as regiões de Elvas e de Évora e que é também parcialmente coincidente com a rede viária actual.

Note-se que o mármore, sendo certamente, nos nossos dias, uma das maiores riquezas da região, não teve praticamente qualquer utilização até à época Romana. Excepcionalmente, recolheu-se uma placa votiva deste material na escavação da Anta das Cabeças (Azaruja) (Leisner e Leisner, 1951, p. 20), um pequeno ídolo cilíndrico nas prospecções superficiais no povoado calcolítico da Salgada (Borba) (Estampa 85, n.º 10), um percutor no povoado também calcolítico da Encostinha (Borba) e outro no povoado Neolítico Final da Horta das Nogueiras. Aparentemente, um dos esteios da anta da Sra. da Conceição (Estremoz), era também de mármore da região.

Pelo contrário, as ocorrências de minérios de cobre não são actualmente objecto de exploração, embora, em diversos pontos, se conheçam alguns vestígios de mineração antiga para a qual não dispomos, por enquanto, de elementos cronológicos precisos.

3. 2. 6. *Bacia do Almadafê*

Esta Unidade Fisiográfica ocupa, na região da serra d’Ossa, uma área muito reduzida, com cerca de 116 km², e é composta sobretudo por terrenos sedimentares terciários (Mio-

pliocénicos indiferenciados e Paleogénicos e Miocénicos indiferenciados), situados na borda da grande bacia terciária do Tejo, formada por subsidência e subsequente enchimento detrítico.

Inclui ainda, na margem direita da ribeira do Almadafe, a extremidade Sul de uma interessante mancha de calcários lacustres (Casa Branca-Cano), com vestígios de faunas quaternárias, relacionada com a produtividade hídrica do Maciço Calcário de Estremoz, ao qual se encontra adossada (Gonçalves, 1974, p. 7); trata-se de uma superfície muito aplanada, em que os calcários afloram, formando uma crosta superficial pouco espessa (cerca de 2 m).

Neste contexto, encontramos solos mediterrâneos vermelhos, amarelos ou pardos, de margas ou calcários margosos; a riqueza do aquífero, com exurgências notáveis, e o aplanamento das superfícies (declives nulos ou inferiores a 4%) conferem aos solos um elevado potencial agrícola (classes A ou B); a mancha de calcários lacustres confina, por sua vez, com terrenos terciários, cujo potencial agrícola, na margem direita do Almadafe ou nas cumeadas da margem esquerda, é das classes C e D, com limitações do solo ao nível radicular e, nalguns casos, devidas ao excesso de água.

A cobertura terciária estende-se, para Norte, a partir da margem direita da ribeira de Tera, preenchendo os terrenos da margem esquerda da ribeira do Almadafe; o limite oriental desta Unidade Fisiográfica faz-se pelo ribeiro do Cavaleiro, subsidiário da margem direita da ribeira de Tera. Note-se que todos estes cursos de água entalharam os terrenos detríticos, pondo a descoberto o substrato rochoso, constituído por xistos silúricos.

Os terrenos terciários “correspondem a áreas relativamente planas, formando às vezes relevos residuais” (Zbyszewski, Carvalhosa e Ferreira, 1980, p. 5); são constituídos, maioritariamente, por argila castanhada-avermelhada com seixos de quartzo (complexo Mio-Pliocénico indiferenciado) ou argilas acastanhadas, às vezes arenosas, com inclusões de saibros e seixos e, nalguns casos, com concreções calcárias (Paleogénico).

3. 2. 7. *Bacia da Tera*

Trata-se da maior Unidade Fisiográfica da região da serra d’Ossa, com uma superfície de cerca de 452 km²; corresponde ao troço superior da bacia hidrográfica da Ribeira de Tera, a jusante da serra e do Maciço Calcário. Topograficamente, apresenta-se como uma área de peneplanície razoavelmente acidentada, o que se compreende se atendermos ao substrato geológico dominante, constituído por xistos e grauvaques silúricos (Gonçalves, 1974, p. 9), rochas que caracterizam, como atrás referi, a maior parte da região da serra d’Ossa. Encontramo-los, nomeadamente, na bacia do Lucefece, no compartimento oriental da serra d’Ossa, ou na bacia da Rib. da Asseca, em manchas que constituem prolongamentos, concordantes com a trama estrutural da região, da mesma formação geológica.

Destaca-se, porém, na margem esquerda da ribeira de Tera, um “maciço granítico, de grande área, de orientação geral E-W, delimitado aproximadamente pelas povoações de Vimieiro, Pavia (fora da área de estudo) e S. Gregório. Trata-se de granito grosseiro, porfíroide, de composição calco-alcalina, com tendência monzonítica” (Zbyszewski, Carvalhosa e Ferreira, 1980, p. 20-21). Esta formação desenvolve-se em três manchas ligadas entre si, prolongando-se cerca de 40 km pelos concelhos de Arraiolos, Mora e Montemor-o-Novo. Os afloramentos apresentam-se, frequentemente, bem destacados na paisagem, formando moles rochosas de blocos arredondados e erodidos, de formas caprichosas, dando lugar, em muitos casos, à ocorrência de abrigos naturais.

Inclui-se também nesta área uma mancha alongada de gnaiss granítico de duas micas, com direcção NW-SE, em que se observam ocorrências de granitos gnaissicos e gabros, junto da ribeira de Tera.

Os granitos gnaissicos constituem ainda o substrato rochoso de uma elevação bem destacada na paisagem, cujo topo, o vértice geodésico Laranjeira, domina a planície com um comando de cerca de 100 m. À excepção desta “serra”, toda a área S. Gregório-Vimieiro-Pavia apresenta um modelado suave, com elevações pouco evidenciadas, embora nalguns pontos a rede hidrográfica se apresente bastante encaixada.

Os recursos hídricos são muito escassos (Zbyszewski, Carvalhosa e Ferreira, 1980, p. 32) e os solos são maioritariamente pobres. Dominam, nas áreas xistosas, os litossolos, os solos mediterrâneos vermelhos ou amarelos e ainda os solos mediterrâneos pardos, todos resultantes da alteração dos xistos, com maior relevância para as fases delgada e pedregosa. As únicas manchas com algum potencial agrícola são, como habitualmente neste cenário geológico, constituídas por aluviossolos definidos junto aos cursos de água. Na mancha granítica, predominam os solos litólicos não húmicos, de granitos, com muitos afloramentos desta rocha, o que restringe fortemente o respectivo uso agrícola (Classe D). As principais limitações processam-se ao nível do solo, na zona radicular, ou resultam da erosão e escorrimento superficial.

3. 2. 8. *Bacia do Divor*

Esta Unidade Fisiográfica, com cerca de 150 km², corresponde a um pequeno troço da Bacia do Divor, integrando a parte sul do concelho de Arraiolos; em termos globais, apresenta as mesmas características que foram referidas a propósito da bacia do Degebe. Trata-se de uma área em que afloram os quartzodioritos do Maciço de Évora, recortados por alguns relevos de rochas metamórficas, com destaque para os gnaisses e micaxistos. Os solos dominantes são mediterrâneos pardos, de quartzodioritos com potencial agrícola médio (classes B e C).

Os cabeços que intersectam a planície eruptiva, por serem, em geral, muito declivosos, não oferecem bons solos agrícolas.

3. 2. 9. *Unidades Fisiográficas e estrutura actual do povoamento*

As Unidades Fisiográficas atrás caracterizadas alongam-se notoriamente no sentido NW-SE, transversalmente ao Guadiana, revelando a orientação dominante das formações geológicas, às quais se ajustam bastante bem a orografia, a hidrografia e a capacidade de uso dos solos.

É interessante a comparação com as Unidades Administrativas actuais, os concelhos, que, apesar de se ajustarem razoavelmente às Unidades Fisiográficas, em termos de área e distribuição, discordam fundamentalmente em termos de orientação dominante (Estampa 107). Os territórios concelhios, na região da serra d'Ossa, desenvolvem-se claramente no sentido Norte-Sul ou NE-SW, desenhando faixas transversais à estrutura geomorfológica regional. Este fenómeno pode, em princípio, relacionar-se com a proximidade do Guadiana que, sendo ele também um vector estrutural fundamental, se tornou historicamente a fronteira política do país e, conseqüentemente, deve ter contribuído para a definição dos limites administrativos regionais.

Outros aspectos da distribuição do povoamento actual concorrem para a compreensão dos caracteres positivos e negativos das diversas Unidades Fisiográficas. A proximidade entre Borba e Vila Viçosa, por exemplo, constitui um caso único em todo o Alentejo, em que as sedes de concelho se estabeleceram habitualmente a distâncias muito superiores. De facto, a riqueza proporcionada pela extracção de mármore, só por si, justifica, em boa parte, esta situação; mesmo assim, parece-me que a conjugação favorável de outros factores determinantes na fixação das populações, como são a abundância de água, a riqueza relativa dos solos e a excepcional posição do Maciço Calcário, em termos de transitabilidade regional, devem ter tido um peso considerável.

O distanciamento nítido entre o povoamento actual e o Guadiana, no concelho do Alandroal, podia, à primeira vista, explicar-se por uma reacção centrífuga em relação à fronteira política. No entanto, na margem esquerda do rio, o termo de Olivença foi território português até aos inícios do século XIX, o que retira alguma consistência a essa explicação.

A observação da topografia, da geologia e da capacidade de uso dos solos da margem direita do Guadiana, permite, em contrapartida, relacionar as aldeias mais próximas do rio (a uma distância, em média, superior a 5 km) com outro acidente geográfico fundamental na região: a falha da Messejana, ao longo da qual se definem algumas manchas de solos detríticos, com elevado potencial agrícola. Nesta zona, o único povoado actual instalado junto ao Guadiana, Juromenha, localiza-se precisamente na intersecção entre o rio e o traçado do referido acidente tectónico. Note-se que, nas proximidades de Juromenha se identificou uma concentração apreciável de povoados pré-históricos, para além dos frequentes achados dispersos de indústrias macrolíticas.

A coincidência entre o povoamento actual e os principais focos de povoamento pré-histórico verifica-se, ainda, no caso da vila do Redondo, implantada junto a um grande povoado calcolítico (S. Pedro) e em cujos arredores se conhece uma das áreas mais densamente povoadas, no Neolítico Final-Calcolítico; outro exemplo encontra-se no caso de Bencatel, em cujas imediações se implantou o povoado neolítico epónimo, o povoado neolítico da Horta das Nogueiras e o povoado calcolítico da Vigária; por último, salienta-se o caso de Pavia, povoação que cresceu em redor de uma das maiores antas alentejanas e que polariza uma das áreas mais densas do megalitismo regional.

É também evidente a coincidência reiterada entre as fronteiras administrativas dos concelhos actuais e a implantação de povoados calcolíticos. Este padrão deve-se, obviamente, ao facto de as referidas fronteiras terem sido frequentemente marcadas em função de linhas de cumeeada destacadas na paisagem, opção que, como se sabe, se integra nas estratégias habituais da espacialidade das comunidades agro-metalúrgicas da região, invertendo-se, naturalmente, a relação centro-periferia.

